



Web 2.0: Vetor do Populismo *On Line*¹

Max Lebreton²
Lorraine Slomp Giron³
Kenia Maria Menegotto Pozenato⁴

Resumo

O objetivo desta comunicação é o de apresentar as novas formas que o populismo utiliza em suas manifestações, principalmente quando veiculado através da Internet, que se tornou seu vetor por excelência, com racionalidade própria. Sendo meio, não determina ideologias, apenas se configura como um suporte para o transporte e transferências de idéias. Suporta tudo, podendo reduzir e expandir temas ao "bel prazer" dos internautas. Isso possibilita a distorção da verdade, o que representa um perigo para o internauta, podendo levá-lo a equívocos.

Palavras-chave:

Comunicação; Web 2.0; Populismo; Internet.

O Populismo

Com a chegada da Internet, o populismo se diversificou em novas versões. Como elas se manifestam e quais são suas formas? Quais os perigos que elas representam?

Para responder a essas questões, primeiramente, convém distinguir populismo, os atores do populismo e este "ato performático dotado de uma racionalidade própria" (LACLAU, 2008, p. 295), do populismo.

Segundo Laclau (2008, p. 295), o populismo é "multiforme e o termo é polissêmico". Pode significar um movimento político russo do final do Século XIX, pode significar ainda a ideologia de alguns movimentos políticos, referindo-se ao povo, mas rejeitando a noção de lutas de classes sociais, sobretudo na América Latina, desde o início do século XX. É

¹ Trabalho apresentado ao X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – sul 2009, na divisão temática Comunicação Multimídia.

² Engenheiro e Doutor em Química. Doutor em direito. DESS Informatique intelligence artificielle e Professor na Université Paul Cézanne – Marseille – França. E-mail: maxmalou@yahoo.fr

³ Doutora em Ciências Sociais pela USP e Professora na Universidade de Caxias do Sul – Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: loraines@terra.com.br

⁴ Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Université D'Aix-Marseille, França, e Professora na Universidade de Caxias do Sul – Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: kpozenato@terra.com.br



utilizado também para nomear uma Escola literária criada em 1929, que preconizava a descrição da vida das classes menos favorecidas, ou também uma corrente estética literária, pictórica ou cinematográfica, que utiliza como temática principal a representação da vida do povo que compõe essas camadas mais pobres, que ali são apresentadas com simpatia. Esse conceito multiforme e polissêmico baseará este texto.

A Web 2.0

Por outro lado, Web pode ser entendida como "nome pelo qual a rede mundial de computadores Internet se tornou conhecida a partir de 1991, quando se popularizou devido à criação de uma *interface gráfica* que facilitou o acesso e estendeu seu alcance ao público em geral" (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, 2001). Já, na Wikipédia, a Web aparece a partir da origem semântica da sigla:

A World Wide Web (que em português significa "Rede de alcance mundial"; também conhecida como Web e WWW) é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet. Os documentos podem estar na forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras. Para visualizar a informação, pode-se usar um programa de computador chamado navegador para descarregar informações (chamadas "documentos" ou "páginas") de servidores web (ou "sítios") e mostrá-los na tela do usuário. O usuário pode então seguir as hiperligações na página para outros documentos ou mesmo enviar informações de volta para o servidor para interagir com ele. O ato de seguir hiperligações é, comumente, chamado de "navegar" ou "surf" na Web. (disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Web> – acesso em 17/03/2009)

Foram os Aliados durante a Segunda Grande Guerra (1939-45) que deram início à comunicação a distância entre técnicos de computadores, visando a comunicação entre eles, bem como a informação das estratégias para levá-los à vitória.

Mas o nascimento da Internet, ao que tudo indica, ocorreu em 1969 como resultado do projeto chamado ARPANet (*Advanced Research Projects Agency Network*), do Ministério da Defesa dos Estados Unidos. Seu objetivo era o de interligar computadores, utilizados em centros de investigação com fins militares. Sua apresentação pública deu-se em 1972, com o estabelecimento das primeiras ligações internacionais. Mas, durante os anos 70, por razões de segurança, permaneceu sigilosa e controlada pelos militares, inacessível até mesmo à sociedade norte-americana. Em 1983, com a criação da CSNet (*Computer Science Network*) e



a sua ligação à ARPANet, surgiu o que hoje se chama de Internet. (disponível em http://miniweb.com.br/Cursos/miniwebcursos/cursos_miniweb/conhecendo_ead/botoes/modulos/modulo_2/artigos/historico_internet.html. Acesso em 26/03/2009).

A invenção da Internet e a ligação entre os computadores desencadeou uma série de descobertas, entre as quais a da WEB (*World Wide Web*), feita por Tim Berners-Lee, físico britânico, em 13 de março de 1989. Suas experiências visavam a desenvolver uma ferramenta que permitisse à comunidade internacional de físicos de partículas a divulgação de seus conhecimentos de forma simples e rápida. Em pouco tempo o objetivo inicial foi superado.

O conceito-chave da proposta do pai da Web é o "hipertexto", ferramenta a partir da qual é possível acessar uma informação em outro espaço virtual. O termo remete a um texto em formato digital, ao qual se pode agregar outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas *links* (ligações). Esses *links* aparecem no texto como *ícones* gráficos que se destacam como imagens ou símbolos e cuja função é de interconectar outros conjuntos de informação, através de acesso imediato e que complementam o texto principal. O sistema de hipertexto mais conhecido atualmente é a *World Wide Web*. (Disponível em <http://www.correiomanha.pt/noticia.aspx?contentid=4A16D4A5-70FB-4C30-975E-3DA3FEC5AB4A&channelid=00000092-0000-0000-0000-000000000092>. Acesso em 19/03/2009).

Quoniam⁵ afirmou que a Web 2.0, como nenhum outro fator anterior a ela dividiu as gerações entre os nativos e não nativos. Nativos para ele são os nascidos após 1984, e que sempre conviveram com a Internet. Não-nativos seriam os demais, os mais velhos, nascidos antes daquela data. Assim, segundo ele, existe um corte brutal entre os que acessam e os que não acessam a Internet. Entre os que dominam e os que não dominam esse meio de informação e comunicação. Dessa forma, a criação da WEB 2.0 não seria apenas a criação de um suporte de informações, mas um marco que dividiria as gerações como um *Anno Domine*, que dividiria o mundo em antes (a.C.) depois (d.C.) do nascimento de Cristo.

Na Web existe apenas uma racionalidade, que é a sua própria. Não seria o meio que essencialmente permitiria que certas formas de populismo nascessem, crescessem e morressem. Sendo meio, não determina ideologias, apenas se configura como um suporte para

⁵ QUONIAM, Luc Marie. Doutor em Ciências da Informação e da Comunicação, em palestra realizada no evento 3es Journées Scientifiques Euroméditerranéens, realizado em 15/11/2008, em Toulon, França.



o transporte e transferências de idéias. A própria Wikipédia pode servir como exemplo do que o meio possibilita, pois o internauta pode interferir no texto.

Apesar de ser um meio, a sua organização racional pode levar a acreditar que tudo o que ele contém seja verdadeiro. Como meio, a Internet suporta tudo, podendo reduzir e expandir temas ao "bel prazer" dos internautas, o que possibilita a distorção da verdade e pode levar o internauta a equívocos involuntários.

Web 2.0, Mídia e Populismo

Da mesma forma que a Web, o populismo tem suas origens na noção de partilha, pois o poder deve partir do povo, sendo assim compartilhado pela população, num espaço independente do Estado ou do Governo. O populismo pode assumir um caráter encantatório, da mesma forma que a Web. Por seu caráter recorre a sentimentos, pode agradar e responder a insatisfações, mas oferece o risco de muitas vezes desinformar, caluniar, e aterrorizar.

O principal combustível do populismo é o medo, o temor. O mesmo pode ocorrer com a Web 2.0. No momento em que se propagam sobre o planeta os efeitos de uma crise financeira inigualável por sua amplitude, pode-se esperar um efeito colateral com o aparecimento do populismo, em suas várias formas. A Web 2.0 poderia se tornar a porta de entrada de sua propagação.

Nos dias atuais, o populismo possui modos de propagação diferentes dos de tempos passados, graças ao surgimento da Web. Ele geralmente nasce de uma crise e se aproveita de seus efeitos, visto que é a crise o terreno do qual ele se alimenta e se realimenta. O populismo precisa da mídia, para se fazer conhecido e se propagar. Se não for divulgado, não se propaga. Se não se propagar, não se será conhecido pelo povo e morre.

O filme francês *Bienvenue chez les Ch'Tis* (*Bem-vindo à casa dos Ch'tis*) constitui um bom exemplo de como podem coabitar crises, meios de comunicação social e populismo. É um filme populista por excelência, pois faz com que se ria das desgraças de um exilado que se junta a um *gulag*, e que se tornou mártir de um sacrifício conjugal. Reúne todos os elementos de um entrecruzamento de crises: a desindustrialização do norte da França, com suas colinas nuas, suas indústrias desativadas e desempregados fatalistas. O Estado deixa tudo por conta



dos serviços públicos mais próximos. Reúne ingredientes como a falta do sol, as praias pedregosas com seu clima dantesco e a crise conjugal. Os elementos estão postos e o populismo do filme faz o resto.

“Ch’ti”, em francês, é o apelido irônico dado aos moradores do norte do país, região que já foi muito industrializada e que hoje goza de pouco prestígio turístico, sendo muito menos importante que a região parisiense e que as cidades do sul. É justamente essa área de pouca atenção que o comediante Dany Boon, diretor e protagonista do filme, convida o público a conhecer (“bem-vindo à casa dos Ch’tis”, diz o título). De fato, o início apresenta Philippe, um funcionário habitante de Marselha (sul do país) que é deslocado pela empresa para uma cidadezinha do Norte chamada Pas de Calais. Esse primeiro segmento utiliza com ironia os estereótipos atribuídos pelos moradores do centro aos moradores do norte: uma cidade considerada chata, fria, sem vida.

Quando vai pedir os conselhos de um senhor vindo do Pas de Calais, Philippe o vê sentado num canto escuro do cômodo, sobre uma poltrona. Sua voz assustadora parodia o cinema americano, no qual homens poderosos sempre comunicam más notícias nas trevas de um escritório mal-iluminado. Esse tipo de paródia mostra o quanto o diretor conhece os clichês, e, usando do exagero, os torna propositadamente ridículos, para serem em seguida atacados.

Seja positiva ou não essa defesa afetuosa do norte, o diretor vai além e brinca mais uma vez com os estereótipos quando a esposa de Philippe o visita. Neste momento, na intenção de mostrar uma região horrível que corresponda às expectativas de sua esposa (no intuito de ganhar sua piedade), ele convida os colegas a criarem um pequeno “teatro” de personagens detestáveis e de hábitos alimentares e sociais primitivos. Logo, os personagens ignorantes interpretam versões mais primárias de si mesmos, num exame dos limites do estereótipo.

Essa caracterização grotesca expõe o filme frente ao espelho e questiona de forma interessante quais os limites do retrato. Esse momento metalingüístico é provavelmente o que há de mais interessante entre os “ch’tis” do filme, durante o qual o próprio cinema escancara seu lado enganador e seus artificios. Em outras palavras, *Bienvenue Chez Les Ch’tis* seria um tipo de piada interna que abastece o mercado cinematográfico do país, tendo uma bilheteria



espantosa, e que relembra ingenuamente aos conterrâneos de uma França centralizada (em torno de Paris) a existência de regiões fora dos seus holofotes.

O cinema brasileiro, ao que parece, não tem se prestado a esse tipo de propaganda, pois ainda sofre a influência do *Cinema Novo* que revolucionou a arte cinematográfica nacional, expondo os problemas sociais em forma de denúncia, onde o humor, a ironia não são utilizados, mas sim a alegoria e o mito. No Brasil o rádio e a televisão são usados como principal forma de difusão do populismo, da mesma forma que o cinema na França.

No Brasil o principal lugar do populismo é a Rede Globo, com suas novelas, utilizadas para convencer os telespectadores da existência da "democracia racial e social" brasileira, onde ricos e pobres convivem em paz e harmonia, estabelecendo relações de amor e de casamento entre diferentes grupos sociais, criando um país virtual justo e igualitário, que passa a viver no imaginário da população.

Um exemplo típico do populismo da Globo foi revelado na novela *Que rei sou eu?*, que foi ao ar em 1989. Conta a história de um herói, uma espécie de Robin Hood, aspirante ao trono, que combatia os corruptos do reino imaginário de Avilan. A novela serviu para eleger ao cargo de Presidente do país o governador de Alagoas, então com 39 anos, conhecido como "caçador de marajás". Fernando Collor de Mello se promovia na ocasião através de uma campanha contra os altos salários de funcionários públicos, conhecidos como "marajás".

A novela era uma sátira do governo brasileiro, uma vez que no reino de Avilan também havia a corrupção no alto escalão do governo, mas, segundo os analistas políticos, serviu para decidir os resultados da eleição, pois os espectadores teriam associado o herói da novela ao candidato, que, como o protagonista da história, pretendia o trono para terminar com a corrupção do país. Observa-se que a data da novela é anterior à da criação e difusão da Web. Hoje outros meios poderiam ser utilizados para conseguir os mesmos fins.

As Formas do Populismo

O populismo propagado em filmes e em televisão tem seu encanto e apresenta resultados imediatos. Na Web 2.0. o populismo também é encantatório e polimorfo. Assim, hoje fica difícil estabelecer as diferenças entre os vários populismos, como o populismo cinematográfico, o populismo publicitário, o populismo securitário, o populismo penal, o



populismo científico, entre tantos outros. Todos acontecem através da mesma forma de propagação, que está intimamente ligada ao uso de um meio midiático, onde a Internet ocupa um lugar de destaque.

Por populismo publicitário entende-se o uso de medidas ideológicas no mercado publicitário, para seduzir o público, usando os mesmos mecanismos de propaganda do populismo. Um exemplo desse tipo de populismo é a propaganda de grandes setores, como os grandes grupos farmacêuticos que afirmam se interessar pela saúde dos consumidores, quando numerosos medicamentos de sua fabricação são vendidos em farmácias há décadas, sendo alguns reconhecidamente ineficazes, não tendo nenhum efeito terapêutico e, outros, condenados em países mais desenvolvidos.

O populismo securitário é utilizado para alardear as suas vantagens em relação à segurança social e direitos sociais da população.

Em relação ao populismo penal, podem-se utilizar as palavras de Gomes:

O uso desvirtuado do Direito penal vem se acentuando a cada ano: 2009 não será (certamente) diferente. Com o aumento da violência, pode explodir o "populismo penal" do legislador. Tudo depende do comportamento da mídia, que retrata a violência como um "produto" de mercado. A criminalidade (e a persecução penal), assim, não somente possui valor para uso político (e, especialmente, para uso "do" político), senão que é também objeto de autênticos melodramas cotidianos que são comercializados com textos e ilustrações nos meios de comunicação. São mercadorias da indústria cultural, gerando, para se falar de efeitos já notados, a banalização da violência (e o conseqüente anestesiamiento da população, que já não se estarrece com mais nada). Em inúmeros casos o legislador, levado pela "urgência" e pelo ineditismo das novas situações, não encontra outra resposta (na verdade, nem sequer busca outra resposta) que não seja a conjuntural ("reação emocional legislativa"), que tende a ser de natureza "penal", dependendo dos benefícios eleitorais que possa alcançar. Invoca-se o Direito penal como instrumento para soluções de problemas, mas se sabe que seu uso recorrente não soluciona coisa alguma. Nisso reside o simbolismo penal. (GOMES. Disponível em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=12274> Acesso em 23/03/2009)

Da mesma forma que o populismo penal, o populismo dito científico vale-se de conceitos e noções às vezes demagógicos para dar aparência científica a uma teoria político ideológica, como exemplifica Rodrigues, sociólogo português:

[...] o novel líder do PPD, inaugurou uma corrente do populismo político. Trata-se do populismo com cientificidade. Prometeu muitas medidas e o contrário delas, mas houve uma palavra nova, recorrentemente repetida, quiçá apreendida recentemente com algum colega sociólogo lá da Câmara de Vila Nova de Gaia, a



palavra 'conceptualizar'. Convenhamos, um populismo conceptualizado, é um populismo diferente. É um populismo com cientificidade. (RODRIGUES. Disponível em: <http://www.blogger.com/profile/00892908171458282799>. Acesso em 23/03/2009)

Outro tipo de populismo é o escolar, que se traduz por produções divulgadas por órgãos oficiais que visam a desnaturalizar a função de professor do ensino fundamental. Por outro lado, propõe medidas para adequar de forma simplista a escola aos alunos, fugindo à verdadeira função da escola, que é a de prepará-los para o futuro. Quem exemplifica muito bem este tipo de populismo é o Professor e Filósofo Guillaumie, citando Muglioni⁶:

A escola deve, diz ele, adaptar-se aos alunos tais como eles são. A escola, acrescentamos, deve preparar a criança não ao mundo tal como ele deve ser, mas como ele é? Proposições pouco coerentes: é desejável, é somente possível adaptar os alunos tais como eles são ao mundo tal como ele é? Quem são eles e quem é ele? E na hipótese de uma harmonia preestabelecida, os alunos tais como são já são produtos de uma sociedade tal como ela é. Para que serve a escola? (MUGLIONI, apud GUILLAUMIE. Disponível em www.sauv.net/elitisme.php. Acesso em 23/03/2009)

O populismo participativo, ou seja, a participação do público em determinados *sites* sobre determinado assunto, sob a forma de consulta de opiniões, tem provocado na Internet grande movimentação de opiniões que apaixonam os internautas. Vários são os exemplos de populismo participativo, como foi o caso do debate sobre o consumo de carne bovina na Coréia do Sul, cujos habitantes estão entre os maiores apreciadores de carne de gado do planeta, mas também entre os maiores consumidores de novas tecnologias. A partir da divulgação jornalística desse caso (In: JORNAL LE MONDE, Paris, 1º de julho de 2008), assistiu-se então a um *cybermovimento* com forte conotação populista, rapidamente transformado em fenômeno sóciopolítico que acabou com uma mudança radical da paisagem midiática coreana. Resultou numa denúncia por difamação feita pelo Presidente da República contra um *site* participativo de cidadãos repórteres e na criação de uma Secretaria de Estado para a comunicação *on line* com o público.

⁶ No original: L'école doit, dit-on, s'adapter aux élèves tels qu'ils sont ; l'école, ajoute-t-on, doit préparer l'enfant non pas au monde tel qu'il doit- être, mais tel qu'il est ? Propositions peu cohérentes : est-il souhaitable , est-il seulement possible d'adapter les élèves tels qu'ils sont au monde tel qu'il est ? Quels sont-ils et quel est-il ? Et dans l'hypothèse d'une harmonie préétablie, les élèves tels qu'ils sont étant déjà des produits de la société telle qu'elle est, à quoi bon l'école ? " .



Henri Rey, que é Diretor de investigação do Centro de Investigações Políticas de Ciências Políticas (Cevipof) de Paris, explica que:

Os debates participativos que podem pôr em cena os grandes meios de comunicação social audiovisuais são realizados no estilo dos debates participativos. Mas eles se distinguem consideravelmente, na medida em que as intervenções que se sucedem de pessoas escolhidas tal como num sorteio, pelos institutos de pesquisa, são dirigidas unilateralmente à personalidade política colocada no centro do debate, onde não existe nenhuma troca entre os participantes e onde, apesar do questionamento que efetuam, não há nem decisão nem progressão da reflexão em pauta. Continua-se sempre numa arena na qual o público, ainda que participe através de algumas perguntas da animação do espetáculo, está numa posição radicalmente desigual com o protagonista, que é o verdadeiro ator.

(REY. In: lemonde.fr/politique/article/2007/02/06/debats-participatifs-populisme. Acesso em 23/03/2009)⁷

O Populismo na Web 2.0: problemas e perspectivas

A partir desses poucos exemplos buscados na Web, é possível traçar os contornos e os efeitos das várias formas de populismo que se servem da Web 2.0 para sua propagação neste conturbado início do século XXI.

É possível afirmar que a Web social mudou a natureza da comunicação e da propagação da informação. Até pouco tempo a produção da informação estava reservada a especialistas e eruditos. Hoje, uma grande parte da população possui uma *webcam*, um *notebook* e uma conexão na Internet. E quem não possui seu próprio computador, pode ter acesso à Internet em alguma *lan house*, ou em espaços públicos à disposição. Com isso cada um pode se transformar em diretor de publicação e produtor de informações, as quais podem ter conotações deformantes ou manipuladoras, dotadas "de uma racionalidade própria", o que se transforma num verdadeiro perigo para quem deseja uma informação correta.

Na França, já está em estudo uma lei sobre a Internet, que leva esta ameaça muito a sério e os legisladores mostram sua imaginação no momento em que enquadram a ofensiva do

⁷ No original: Les débats participatifs que peuvent mettre en scène les grands médias audiovisuels sont certainement inspirés par le thème à la mode des débats participatifs. Mais ils s'en distinguent considérablement dans la mesure où les interventions qui se succèdent de personnes en effet désignées, un peu comme dans un tirage au sort, par les instituts de sondage, sont unilatéralement adressées à la personnalité politique au centre du débat, où il n'existe aucun échange entre les participants et où, en dehors du questionnement qu'ils effectuent, il n'y a aucune délibération ni progression de la réflexion engagée.



participativo na Web, para evitar seus desvios, como o populismo *on line*, que se torna um perigo para o populismo político. No Brasil, apesar de a legislação vigente ser do Código Penal de 1940, em que não era nem imaginada a existência desse tipo de crime, em junho de 2002 foi nele incluído o crime eletrônico. Refere-se "[...] à inserção de dados falsos, alteração ou exclusão de informações nos sistemas referentes à Previdência Social. A pena prevista é de reclusão de 2 a 12 anos. (disponível em <http://superdownloads.uol.com.br/materias/legislacao-internet-brasil/292,1.html>) Outras medidas vem sendo tomadas. Entre elas, tramita atualmente na Câmara de Deputados um Projeto de Lei já aprovado no Senado, que determina:

que os provedores terão de guardar por três anos os registros de acesso para que se possa saber quem acessou a Internet, em que horário e a partir de qual endereço. Os provedores de Internet serão obrigados a preservar em seu poder, para futuro exame, arquivos requisitados pela Justiça, assim como encaminhar às autoridades judiciais quaisquer denúncias de crimes que lhes forem feitas. (Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u421234.shtml> . Acesso em 24/03/2009)

Como se pode ver, sobre este assunto ainda há muitos pontos em aberto, não só no Brasil, mas também em outros países. Mas, necessariamente, urge que sejam preenchidas essas lacunas legais, pois a Web 2.0 em particular e a Internet em geral estão se revelando meios para a divulgação e a propagação de ideologias.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, 2001.

GOMES, Luíz Flávio. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=12274> Acesso em 23/03/2009.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Web> . Acesso em 17/03/2009.

<http://superdownloads.uol.com.br/materias/legislacao-internet-brasil/292,1.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u421234.shtml> . Acesso em 24/03/2009.

LACLAU, Ernesto. *La raison populiste*. Paris: Seuil, 2008.

MUGLIONI, Jacques, apud GUILLAUMIE, Fabrice. Disponível em www.sauv.net/elitisme.php . Acesso em 23/03/2009.



REY, Henri. In: lemonde.fr/politique/article/2007/02/06/debats-participatifs-populisme. Acesso em 23/03/2009.

RODRIGUES, WALTER. Disponível em: <http://www.blogger.com/profile/00892908171458282799>. Acesso em 23/03/2009.

SERRAULT, D. In: JORNAL LE MONDE, 1º de julho de 2008.